

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

GABRIELA BRAS DOS SANTOS

O REGISTRO DA CRIANÇA: A importância do Desenho Infantil

**Aracaju – SE
2018**

GABRIELA BRAS DOS SANTOS

O REGISTRO DA CRIANÇA: A importância do Desenho Infantil

Artigo Científico apresentado à Faculdade Amadeus como Trabalho de Conclusão de Curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ma. Carla Daniela Kohn

**Aracaju – SE
2018**

O REGISTRO DA CRIANÇA: A importância do Desenho Infantil

“Os olhos, os ouvidos e a língua vêm antes da mão. Ler vem antes de escrever e desenhar antes de traçar as letras do alfabeto”.

(MAHATMA GANDHI)

* Gabriela Brás dos Santos¹

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como finalidade analisar a contribuição do desenho infantil no seu desenvolvimento, bem como na construção do pensamento infantil e a aquisição da língua escrita da criança na alfabetização. Por isso, alguns autores foram essenciais para embasar a nossa discussão, tais como: Marcia Moreno, Vygotsky, Herbert Read, Lowenfeld, Gregg Furth, Edith Derdyk, entre outros. Justificou-se a pesquisa dessa temática devido a sua importância para compreender o pensamento infantil bem como o seu comportamento, por o desenho ser um instrumento no desenvolvimento cognitivo da aprendizagem na criança, além de refletir sobre a prática pedagógica durante o processo de alfabetização. Dentro desse contexto, questionou-se: porque é importante o professor ter um olhar cuidadoso ao observar e compreender o desenho infantil? Nesse sentido, o presente artigo teve como objetivo analisar a importância do desenho da criança no seu desenvolvimento, bem como na construção do pensamento infantil e refletir sobre a prática pedagógica durante o processo de alfabetização. Para desenvolver este estudo, a metodologia utilizada constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento da temática referente à importância do desenho infantil, seguida de uma pesquisa-ação e, no intuito de atingir o intento proposto nesta investigação, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação, os desenhos das crianças e as entrevistas. Para concluir a nossa pesquisa, apresentamos nas considerações finais uma reflexão diante do tema estudado e, a partir das discussões teóricas, concluímos que o desenho infantil enquanto linguagem gráfica e artística contribui significativamente não só para o desenvolvimento da escrita, como também auxilia na coordenação motora da criança na alfabetização, além de mostrar a realidade social e cultural da criança e a importância das diferentes manifestações expressivas do pensamento infantil.

Palavras-chave: Desenho infantil. Alfabetização. Pensamento infantil.

*

ABSTRACT

This monographic work has the purpose of analyzing the contribution of children's drawing in their development, as well as in the construction of children's thinking and the acquisition of children's written language in literacy. Therefore, some authors were essential to support our discussion, such as: Marcia Moreno, Vygotsky, Herbert Read, Lowenfeld, Gregg Furth, Edith Derdyk, among others. Research on this subject was justified because of its importance to understand children's thinking and behavior, because the design is an instrument in the cognitive development of learning in the child, as well as reflecting on the pedagogical practice during the literacy process. In this context, he wondered: why is it important for the teacher to take a careful look at observing and understanding children's drawings? In this sense, the present article aimed to analyze the importance of children 's design in their development, as well as in the construction of children' s thinking and to reflect on the pedagogical practice during the literacy process. To develop this study, the methodology used consisted of a bibliographical research to deepen the theme regarding the importance of children's drawing, followed by an action research and, in order to achieve the intent proposed in this research, were used as instruments of observation data collection, children's drawings and interviews. To conclude our research, we present in the final considerations a reflection on the subject studied and, from the theoretical discussions, we conclude that children's drawing as a graphic and artistic language contributes significantly not only to the development of writing, but also aids in motor coordination of the child in literacy, in addition to showing the social and cultural reality of the child and the importance of the different expressive manifestations of infantile thought.

Key-words: Childish drawing. Literacy. Children's thinking

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aqui pretende mostrar a importância do desenho infantil no seu desenvolvimento, bem como na construção do pensamento infantil e na aquisição da língua escrita da criança na alfabetização, fazendo uma leitura da realidade social e cultura da criança através do seu registro e compreende-lo através desse olhar, o qual é de extrema importância para vida da criança. Assim cabe ao professor trabalhar de formar estratégica e interativa com a criança para o processo de interpretação do desenho infantil, chegando a significações que podem ser diagnosticadas, construídas e partilhadas.

Dentro desse contexto, questionou-se: porque é importante o professor ter um olhar cuidadoso ao observar e compreender o desenho infantil?

Nesse sentido, o presente artigo teve como objetivo geral analisar a importância do desenho da criança no seu desenvolvimento, bem como na construção do pensamento infantil e como objetivos específicos: compreender que o

desenho é um instrumento no desenvolvimento cognitivo da aprendizagem na criança; mostrar que o desenho ajuda a contextualizar o mundo e facilita no processo da escrita; compreender a construção do pensamento da criança; mostrar que o desenho é uma forma de linguagem; evidenciar a necessidade dessa forma de linguagem para a criança, quando ainda não utiliza a linguagem verbal; identificar as fases do desenho infantil e refletir sobre a prática pedagógica durante o processo de alfabetização.

Justificou-se a pesquisa dessa temática devido a sua importância para compreender o pensamento infantil bem como o seu comportamento, por o desenho ser um instrumento no desenvolvimento cognitivo da aprendizagem na criança, podendo assim ser partilhadas essas informações para as famílias, além de refletir sobre a prática pedagógica durante o processo de alfabetização.

A metodologia desse estudo foi pautada em procedimentos de pesquisa qualitativa que segundo alguns autores é uma atividade de investigação que pode ser caracterizada por traços comuns de forma semelhante. A pesquisa qualitativa de acordo com a antropologia surgiu de maneira natural, os pesquisadores perceberam que muitas informações não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma ampla. (TRIVIÑOS, 2013).

A pesquisa qualitativa é conhecida como investigação etnográfica, devido a tradição antropológica, a qual é reconhecida como uma forma específica de investigação qualitativa. A etnografia “é o estudo da cultura”, ela baseia suas conclusões na descrição do real cultural que lhe interessa para extrair os significados que têm para as pessoas que pertence a essa realidade (TRIVIÑOS, 2013, p.54).

Os procedimentos metodológicos do estudo foram uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento da temática referente à importância do desenho infantil. Seguida de uma pesquisa-ação desenvolvida no SESC do município de Socorro/SE, com crianças da pré-escola.

A pesquisa-ação pode ser definida como um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (GIL, 1991 p. 60).

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação, os desenhos das crianças e as entrevistas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo o RCNEI (1998) volume III, as Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio do desenho (suas linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional), a luz e as cores, o espaço e o volume, sejam em uma pintura, ou em um desenho, ou mesmo nos brinquedos, nos bordados, na escultura, gravura, arquitetura, entre outros.

O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais (RCNEI, 1998, V.III p.84).

Segundo Read 2011, a criança se expressa desde o seu nascimento, utilizando sua linguagem primitiva através dos seus primeiros gritos, gestos que ela se comunica. A expressão espontânea tem uma relevância à natureza da atividade desempenhada pelas crianças quando estão desenhando ou pintando, por agirem por vontade própria, mas o desenho produzido por elas é de alguma forma inspirado por algo.

De acordo com o RCNEI (1998) V.III, assim como a música, as Artes Visuais são linguagens por isso é uma das formas de expressão e comunicação humanas, que está presente no contexto da educação, de um modo geral, e em especial na educação infantil, sendo bastante utilizadas no reforço para a aprendizagem dos conteúdos em geral, as práticas de colorir imagens feitas pelos adultos em folhas mimeografadas são as mais utilizadas, como exercícios de coordenação motora para fixação e memorização de letras e números, o qual contribui na alfabetização.

Assim como no brinquedo, também no desenho o significado surge, inicialmente, como um simbolismo de primeira ordem. Como já dissemos, os primeiros desenhos surgem como resultado de gestos manuais (gestos de mãos adequadamente equipados com lápis); e o gesto, como vimos, constitui a primeira representação do significado. É somente mais tarde que, independentemente, a

representação gráfica começa a designar algum objeto. “A natureza dessa relação é que ao rabisco já feito no papel dá-se um nome apropriado” (Vygotsky, 1998, p.146).

Ainda conforme o RCNEI (1998) V.III, a partir disso as crianças constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte. Portanto as Artes Visuais são consideradas como uma linguagem que tem estrutura e características próprias, onde a aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo, se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos: fazer artístico, apreciação e reflexão.”[...] Lowenfeld (1970), entre outros, acreditava que a potencialidade criadora se desenvolveria naturalmente em estágios sucessivos desde que se oferecessem condições adequadas para que a criança pudesse se expressar livremente” (RCNEI 1998, V.III, p.87).

De acordo com Moreno (2008, p.126):

Para que ocorra desenvolvimento da criatividade, os estímulos devem dar-se no lar, no convívio social e, posteriormente, nas escolas, pois são necessárias condições adequadas para o desenvolvimento da criatividade. Sabe-se que as manifestações criativas são dadas em pessoas que apresentam um conjunto de valores, atitudes, interesses, motivações e traços de personalidades, que proporcionam ao indivíduo um pensamento independente e flexível e o uso da imaginação.

De acordo com o RCNEI (1998) V.III, esses princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto expressiva, valorizando a importância da criança se expressar livremente e sensibilizar-se para o experimentar as artes como orientações que visavam ao desenvolvimento do potencial criador tendo suas propostas centradas nas questões do desenvolvimento da criança.

O questionamento da livre expressão e da ideia de que a aprendizagem artística era uma consequência automática dos processos de desenvolvimento resultaram em um movimento, em vários países, pela mudança nos rumos do ensino de arte. Surge a constatação de que o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce. (RCNEI 1998 V.III, p. 88)

Read (2001) cita uma passagem de um dos livros da Dra. Montessori, o qual afirma que não podem existir “exercícios graduados de desenhos” que levem a criação artística, pois só pode ser alcançado tal objetivo por meio de uma técnica mecânica e da liberdade de espírito, por esse mesmo motivo que não são ensinados desenhos diretamente à criança, elas apenas são preparadas indiretamente

sentindo-se livres para a produção de acordo com seus sentimentos. Com isso o desenho satisfaz a necessidade de expressão assim como a linguagem.

O RCNEI (1998) V.III, afirma que é possível identificar a forma espontânea e autônoma com que as crianças realizam seus trabalhos, por eles revelarem o local e a época histórica em que vivem; sua de aprendizagem; as ideias sobre o trabalho artístico que realizou, além do seu potencial para refletir sobre o mesmo.

No RCNEI (1998), V.III, p.89, relata que as crianças fazem suas próprias ideias, impressões, ao interpreta a produção de arte e o fazer artístico. São suas experiências de vida que ajuda a fazer suas construções, as quais envolvem a relação e produção artística, com o mundo dos objetos e com suas próprias experiência.

Para Vygotsky (1998), ao desenhar algo complexo as crianças fazem o objeto como um todo, e não pelas partes que compõe tal objeto. Assim as crianças nos mostram como elas entendem a representação da língua escrita.

2.2 A CRIANÇA E SEU REGISTRO

Conforme o RCNEI (1998) V.III, as Artes Visuais estão presentes no cotidiano da criança, ao fazer um rabiscar e desenhar no chão a criança pode utilizar diversos materiais que estão em seu cotidiano como um graveto ao desenhar na areia, um pedaço de carvão ao rabiscar um muro, ao pintar até mesmo seu próprio corpo com caneta de álcool, ela utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. “A criança incorpora suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto ouve historias, representa enquanto fala.” (Derdyk, 2003, p.13)

Segundo Santos (2015), quando se fala em arte a primeira coisa que vem a mente são o desenho e a pintura, ligados a imaginação, a criatividade, ludicidade e a expressão. É através do desenho que a criança se comunica com o meio. Essa necessidade de comunicar-se vem desde o homem pré-histórico, através das pinturas rupestres, onde essa comunicação facilitava o trabalho entre si.

Para Cagliari (2007) o aparecimento das pinturas rupestres classificou-se em três momentos: a primeira foi a escrita pictográfica, segunda a ideográfica e a terceira a alfabética, sendo que a escrita pictográfica foi constituída pelos desenhos nas paredes das cavernas, onde eles associavam o desenho ao que queriam representar, nesse sentido sem nenhum interesse de comunicação verbal.

Read (2001) cita os estágios do desenho infantil estabelecidos, como estágio do rabisco entre 2-5 anos de idade, o qual está dividido em quatro tipos: rabiscos sem objetivo, propositais, imitativos e localizados.

O rabisco sem objetivo é onde a criança faz apenas movimentos musculares de ombro, da direita para esquerda, os rabiscos propositais são considerados um centro de atenção e pode até receber um nome, no rabisco imitativo o interesse ainda é muscular, mas os movimentos do pulso substituem os movimentos do braço, isso acontece por a criança querer imitar os movimentos de um adulto desenhista, e por fim os rabiscos localizados, onde a criança tenta reproduzir partes específicas de um objeto, onde é considerado um estágio de transição (Read 2001).

A criança de 4 anos de idade está no estágio de linha, onde o controle visual é progressivo, pois a figura humana torna-se o tema mais comum para se desenhar, fazendo um círculo para representar a cabeça, os olhos são representados através de pontos, as pernas um par de linhas simples. Raramente um segundo círculo pode ser acrescentado para representar o corpo, assim também como um segundo par de linhas para os braços (Read 2001).

Segundo Santos (2015) a criança passa pela construção de garatujas antes chegar definitivamente ao desenho, Lowenfeld (1970) classifica essa faixa de dois a quatro anos de vida da criança. Nessa fase de construção das garatujas, a criança começa a estabelecer relações de aprendizagem, que serão refletidas pelo resto de sua vida, iniciando sua arte através do contato com o ambiente, suas experiências sensoriais.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, V.III, p.92) diz que: "O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construção cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos. "

Já o pesquisador Lowenfeld (1970), faz uma classificação das garatujas em três categorias: garatuja desordenada, garatuja controlada e a última garatuja com atribuições de nomes.

Segundo Lowenfeld apud Santos (2015), as garatujas desordenadas são rabiscos feitos por a criança e ela não está prestando atenção, seja nas direções ou nas linhas que estão sendo feitas, as quais tem direções variadas, por não ter firmeza nos dedos elas fazem movimentos aleatórios. Nas controladas a criança já

tem um certo controle para movimentar o lápis no papel; nesse processo a criança já observa os traços feitos por ela, se estão sendo feitos fora ou dentro do papel.

Santos (2015) ainda afirma que esse avanço é significativo pois a criança começa a respeitar o espaço que lhe foi proposto e que embora essa percepção de traços não tenha sido grande, a criança passa agora a fazer os traços na horizontal e vertical e até círculos, tendo um domínio maior sobre o lápis. Assim a garatuja começa então ter significado, e ser mais elaborada, logo vem as atribuições de nomes; a criança começa a nomear seus desenhos, independente das formas e linhas que foram traçadas e seus motivos, quando isso acontece a criança começa a se comunicar com o meio, pois agora ela já entende o que ela criou na folha, ou seja o desenho feito e entendido, isso acontece por volta dos quatro anos de idade.

Para Santos (2015) as maiores das rabiscos não vão acontecer por acaso, tudo que a criança observa, escuta ou até mesmo fala, ela vai querer fazer uma pequena demonstração, através do seu desenho. A criança utiliza-se muito do ambiente que vive, como inspiração, quando mais colorido e chamativo for o observado, na criança crescerá a chance de que haja uma maior estimulação para que seja feito o desenho propriamente feito através do rabisco.

2.3 O DESENHO E SUAS REPRESENTAÇÕES

Segundo Furth (2004) o processo de interpretar desenhos ajuda não a pessoa que fez o desenho, e sim a família dessa criança, pois os desenhos em geral expressam informações sobre os conteúdos psíquicos inconscientes.

Essas informações quando interpretadas em de um desenho infantil onde a criança está passando por algum problema, ajuda a família dessa criança a ajudá-la da maneira correta. “Jung enxergava o valor dos desenhos que contêm símbolos do inconsciente, percebendo que eles poderiam ser úteis como agentes de cura. ” (FURTH, 2004, p.29)

Segundo Furth (2004), a maioria das teorias sobre interpretação de trabalhos artísticos cresceu a partir das ideias encontradas na obra de Carl Jung, que enfatizou a importância dos símbolos e que uma das formas que expressam essa importância é por meio dos desenhos do inconsciente.

Para o autor (op. cit.), a abordagem mais prática para decifrar os desenhos é incluir alguns pontos focais, e que esses pontos não servem como regras ou receitas e sim como um guia para a compreensão do conteúdo inconsciente expresso nas

figuras. Ele ainda afirma que na concepção Jung, o reino do inconsciente é também apresentado através da arte por meio de imagens e símbolos.

Essas imagens e símbolos estão expostos na pintura, escultura, poesia, dança, música, literatura e em muitas outras formas de expressão artística, sendo expressões que surgem do lado criativo do ser humano. Esse conteúdo origina-se no inconsciente, o berço da criatividade. (FURTH, 2004, p.31)

O autor continua argumentando que as imagens do consciente coletivo se manifestam nos sonhos e nas fantasias, no mito e na religião, e que quando elas aparecem somos “tocados”, como se soubéssemos que elas nos pertencem, nos fazendo acreditar que são verdadeiras e que trazem um sentido, o qual não conseguimos explicar.

Ainda para Furth (2004) temos que trazer o que está submerso no nosso inconsciente para a consciência se quisermos conhecer a nós mesmos, esses pensamentos inconscientes chegam por meio dos sonhos, desenhos e da pintura, ao analisamos o sonho podemos ter uma maior compreensão das mensagens do inconsciente, além dos sonhos estão as fantasias e a imaginações, revelando o estado que se encontra o indivíduo (sua mente, e o seu corpo), isso ajuda na auto compreensão, reconhecendo fraquezas e forças, conquistas e potenciais ainda não usados.

Esse é o tema do curador ferido: se eu posso olhar minhas feridas e tentar alcançar uma cura, estou mais bem preparado para ajudar a olharem para as próprias feridas e tentarem alcançar uma cura. Nunca podemos ir com os outros além do ponto que já fomos sozinhos. (FURTH, 2004, p.49)

Assim ao aprendermos sobre nós mesmo, ao entender o nosso psiquismo, estaremos mais preparados para ajudar outros a se autoconhecerem, não só quando o assunto é se auto conhecer, mas sim devemos conhecer primeiro sobre tal algo para antes interferir ou julgar.

Segundo Furth (2004) para olhar para uma figura devemos considerar pelo que ela representa para quem criou, como se encaixa na vida da pessoa, porém não devemos projetar o nosso próprio psíquico nos outros, abordando tal figura acreditando que o psíquico dos outros é igual ao nosso, isso pode ser perigoso, devemos ajudar a pessoa a seguir o seu próprio caminho e não o que acreditamos que seja o certo. Devemos considerar que existe um inconsciente e que os

desenhos nascem no mesmo lugar que os sonhos, para então compreender a linguagem dos desenhos.

Segundo Read (2001), a forma é percebida através da cor. A cor é a reação da forma de um objeto aos raios de luz por meio dos quais percebemos. A cor tem um papel significativo na arte, ela expressa nossos sentidos. O autor (op. cit.) diz as cores deveriam estar correlacionadas com nossas emoções. “[...] o vermelho corresponderia à raiva, o amarelo à alegria, o azul à expectativa, e assim por diante”. (READ, 2001, p.24)

Segundo o autor (op. cit.) deve existir uma explicação para essa relação, seja o prazer ou o desconforto devido à presença de raios de luz que atingem a retina do olho, sendo esse o aspecto filosófico da cor, embora a cor também tenha seus aspectos psicológicos, como algumas pessoas gostam de determinada cores e odeiam outras, associando a coisas de sua preferência, essas preferências possa ser que foram originadas no inconsciente fazendo parte do temperamento de cada indivíduo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os procedimentos metodológicos do estudo foram uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento da temática referente à importância do desenho infantil. Seguida de uma pesquisa-ação desenvolvida no SESC do município de Socorro/SE, com crianças da pré-escola. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação, os desenhos das crianças e as entrevistas.

Durante a pesquisa foi constatada a importância do desenho, pois apesar de não conhecer aquelas crianças a fundo, nem mesmo saber o que se passa em suas cabeças, no momento em que elas descreviam os desenhos era como se fosse um raio x delas mesmo e pudemos ver seus interiores, medos, alegrias, saudades, conhecer seus bichos de estimação, parentes que já partiram, poder entender como eles veem os fenômenos da natureza, e perceber a dificuldade e facilidade com a oralidade na hora de descrever as linhas traçadas no papel, o que se via como um simples risco, quando perguntado sobre aquele risco, ele tinha identidade, tinha nome, tinha um significado e um sentimento para aquela criança.

Para uma boa observação é preciso que o educador faça alguns questionamentos, referentes ao que deseja como resposta. Assim é preciso estar

bem claro sobre seus objetivos, observando se sua ação trouxe autonomia para a resposta da criança, pois é sempre importante questionar a resposta do educando frente ao questionamento do educador.

Loureiro, 2003, p.16, afirma que:

Se compreendêssemos melhor os modos pelos quais as crianças e jovens de hoje se relacionam com o mundo e se conseguirmos nos despojar de alguns preconceitos e ampliarmos nosso conhecimento de obras praticas pedagógicas contemporâneas, poderemos conciliar as duas ideias, aparentemente, de “linha” e de “rede”.

Segundo Simas (2011), o papel do educador que vai além de mediador no processo de ampliação da ação dos diferentes sujeitos sociais, contribui para torná-los protagonista das suas próprias histórias, levando a eles a refletirem sobre suas práticas. Hoje felizmente a prática leva o professor e alunos a traçarem estratégias próprias de busca, as quais fazem se tornar possível alcançar os objetivos de análise e interpretação de informações formulando conhecimentos novos de tornando-se autores de suas próprias histórias.

Conforme o RCNEI (1998), durante muitos anos o desenho tinha apenas a função de passatempo, foi visto na pré-escola como algo para entreter as crianças, porem essa percepção vem mudando. Para isso o professor precisa ter um olhar mais aguçado e questionador, assumir uma postura investigadora, levando assim a criança a questionar e investigar

No primeiro momento, foi pedido para eles desenhassem eles mesmo, a fim deles fazerem uma representação de si próprio para termos noção de como eles se veem, e descobrir o grau do grafismo que ele estava.

Figura 1- Representação simbólica



Fonte: pesquisadora (29.01.2018)

No seu registro H.S.-4 anos, pintou o seu corpo de rosa por ser sua cor favorita, e me corrigiu por ali não ser o seu corpo e sim o seu vestido, Read (2001) explica o uso da cor por seus aspectos psicológicos, como algumas pessoas gostam de determinada cores e odeiam outras, associando a coisas de sua preferência, como um brinquedo rosa que goste muito, uma flor nesse tom, no caso de H.S. a justificativa é o seu vestido, essas preferências possa ser que foram originadas no inconsciente fazendo parte do temperamento de cada indivíduo.

O modo como desenhou cabelos apenas de um lado da cabeça, ela justifica por ser o penteado que sua mãe faz para ela ir à escola, um “rabo de cavalo” como é conhecido feito de lado. Observe no formato das mãos que são feitas apenas por 3 riscos cada, e que do corpo para a cabeça não tem nenhum traço que represente o pescoço, Read (2001) cita uma passagem de um dos livros da Dra. Montessori, afirmando que não pode existir “exercícios graduados de desenhos” que levem a criação artística, as crianças são preparadas indiretamente sentindo-se livres para a produção de acordo com seus sentimentos, o que leva a criança a satisfazer a necessidade de expressão assim como a linguagem através do desenho.

Figura 2- autorretrato



Fonte: pesquisadora (29.01.2018)

No seu autorretrato M.C.- 5 anos- desenhou os seus cabelos em formatos de círculos, a mesma justificou o seu penteado e a cor escolhida para pintar o vestido de azul por gostar do céu como Read (2001) explica, ela também faz um desenho do arco-íris com cores selecionadas por ela, e põe um coração de vermelho em cima, segundo ela por amar o arco-íris, do seu lado esquerdo ela faz um segundo coração e pinta cada lado com suas cores favoritas, o azul e o rosa.

Fazendo um comparação do registro de M.S e H.S. pode-se perceber o grau diferenciado do grafismo por M.C. ainda não ter essa percepção de desenhar e detalhar as mãos, e pela forma de recurso de cada uma H.S. usou lápis grafite o que possibilitou um traçado mais preciso, só então depois de feito coloriu, já M.C. fez seu registro usando o giz de cera tanto para criar quanto para dar cor ao seu desenho, o giz de cera possibilitou uma maior facilidade do lápis deslizar no papel, por isso ocorreu muitos movimentos circulatorios na produção do arco-íris e para fazer os seus cabelos.

De acordo com o Referencial curricular, 1998, V.III, tanto Lowenfeld, como outros autores, acredita que a potencialidade criadora se desenvolve naturalmente em estágios sucessivos, e que para isso devemos oferecer condições adequadas e diversificadas, para que a criança pudesse se expressar livremente.

Figura 3- Representação simbólica.



Aluno D.M. 4anos

Fonte: pesquisadora (29.01.2018)

Figura 4- Representação rabiscos



Aluno P.M. 4Anos

. Fonte: pesquisadora (29.01.2018)

O aluno D.M- 4 anos (figura 3) é gêmeos com o P.M., nota-se claramente o grau de grafismo de cada um. Por o desenho de D.M. ter mais detalhes como olhos, nariz, boca, braços, pernas, nota-se também a expressão assustada no rosto da figura 3. O que mais me chamou a atenção no registro de D.M. é que no canto direito acima da folha, ele fez uma outra representação com algumas semelhanças da que está logo abaixo, então perguntei se ele desenhou ele duas vezes ou se ele quis fazer ele maior embaixo, ele falou que a figura acima no canto direito era seu irmão P.M.

Já o registro de P.M- 4 anos (figura 4) não tem muitos detalhes, seu autorretrato foi feito sem pernas e braços, e há um grande rabiscão logo abaixo de se, quando questionei o que seria ele relatou que era a sombra, com isso conclui-se que os detalhes óbvios que enquanto eu estava procurando no autorretrato dele como olhos nariz, boca, ele tinha desenhado algo que eu nunca podia imaginar sua sombra.

Furth (2004) afirma que para olhar para uma imagem ou qualquer representação, devemos levar consideração o que ela representa para quem criou, como se encaixa na vida da pessoa, e que não devemos projetar o nosso próprio psíquico nos outros, abordando aquela imagem acreditando que o psíquico dos outros é igual ao nosso, isso pode ser perigoso, devemos ajudar a pessoa a seguir o seu próprio caminho e não o que acreditamos que seja o certo. Considerando que existe um inconsciente e que os desenhos nascem no mesmo lugar que os sonhos, assim então compreenderíamos a linguagem dos desenhos.

Figura 5: Representação simbólica



Fonte: pesquisadora (29.01.2018)

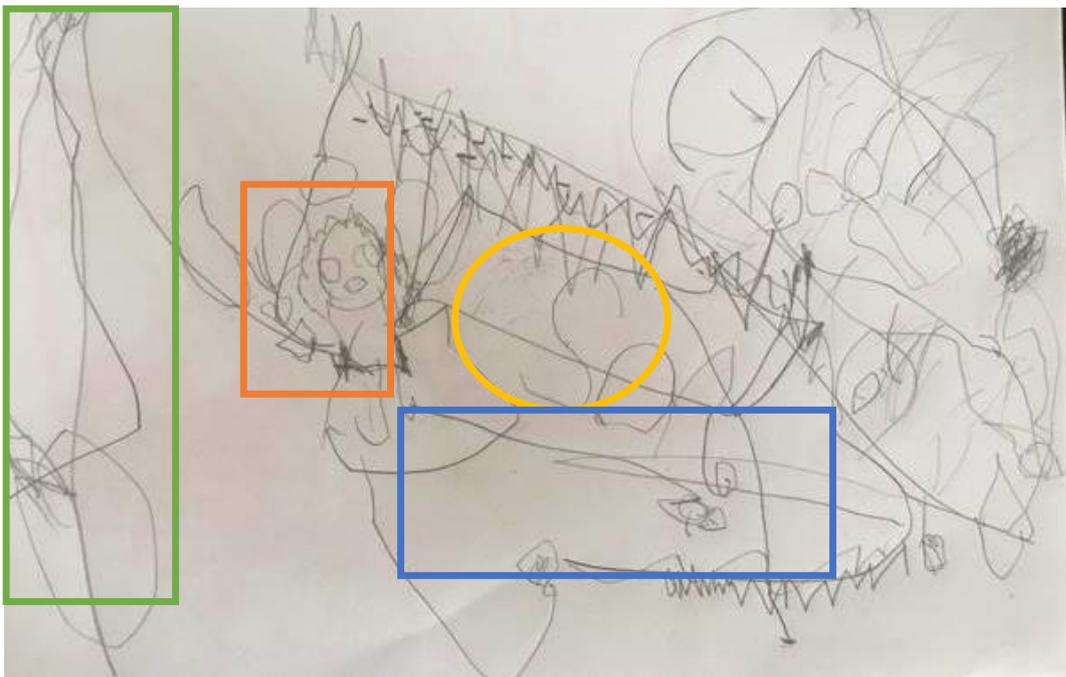
No desenho de V.G- 5 anos, ele desenhou-se em cima de uma rasbição verde, o qual ele justificou ser o chão, eu perguntei o porquê da cor, ele associou com a grama, podemos ver mais uma vez a associação da cor como segundo Read (2001), onde afirma que fazemos preferência de cor por relacionarmos com algo que gostamos ou se identificamos. Ao observar o desenho de V.G. podemos perceber que ele fez várias letras T e O, perguntei o que eram essas letras vermelhas e

algumas feitas de lápis grafite, ele me falou que ali era seu nome, essas duas letras fazem parte do seu primeiro nome, por elas ter um som forte no seu nome, ele associou elas ao seu nome, o que já está contribuindo na alfabetização, por ter significado para a criança como Furth (2004) considera ser importante olharmos para uma imagem levando em consideração o que ela representa para quem criou.

Dessa forma, durante minha observação, percebi que durante o processo de alfabetização existe uma inibição do desenho infantil, pois é dado mais ênfase na aprendizagem da escrita. Com isso, acredito que a temática abordada neste trabalho monográfico é relevante para o âmbito escolar e também para a atuação do docente na sala de aula, visto que é necessário o conhecimento da essência do desenho infantil como linguagem gráfica e seu papel na construção do conhecimento da criança.

No segundo momento, foi pedido para eles fizessem um desenho livre, a fim deles se expressarem livremente.

Figura 6: Representação simbólica



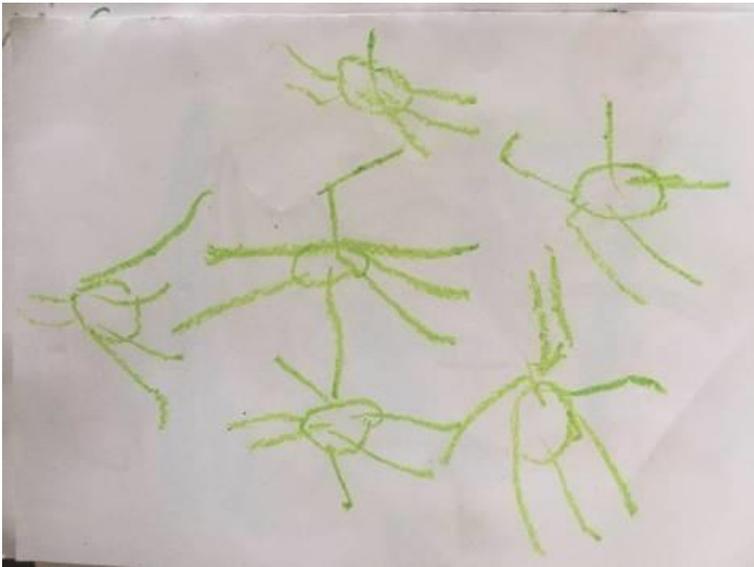
. Fonte: pesquisadora (29.01.2018)

A aluna S.M- 5 anos- fez vários traços e círculos, quando olhei na primeira vez não conseguir decifrar muita coisa, inserir algumas formas geométricas de diferentes cores para melhor localizar cada item aqui descrito, uma das coisas que localizei foi uma representação de alguém dentro do retângulo laranja, depois

comecei a fazer alguns questionamentos sobre alguns traços e curvas encontradas no registro de S.M., ela desenhou-se no em um clube de piscina, os traços dentro do retângulo verde é a escorregadora descrita por S.M., ela relata que estava descendo pelo escorrega da piscina, dentro do retângulo azul é a representação de um tubarão, é notável os dentes feitos por linhas em zig zag, no círculo amarelo tem seu nome escrito, embora ela só tenha feito apenas três letras, para S.M. ali representa o seu nome, letras essas encontrada no seu primeiro nome.

De acordo com Sans (1994, p.29), a criança “(...) mostra claramente em seus desenhos as influências da cultura na qual está inserida (...)”. Assim, podemos perceber o quanto o desenho é uma linguagem subjetiva e está associada à maneira como a criança vê o mundo a sua volta. Nesta perspectiva, o desenho assim como o brincar são formas de expressão que permitem a criança conhecer a realidade que está inserida.

Figura 7: Representação simbólica



Fonte: pesquisadora (29.01.2018)

Nesse registro podemos perceber seis círculos com cinco ou seis traços cada, perguntei para T.A- 5 anos- o que ele tinha desenhado, ele falou que eram seus cinco cachorros, porem questioneei o porquê tem seis figuras em seu desenho, ele disse que o sexto seria mais um cachorro que gostaria de ganhar, e que os traços eram as patas dos cachorros.

Para Vygotsky (1998, p.29) relata que “a criança á medida que adquire experiências passa a ter um número maior de modelos de coisas que compreende”, ou seja, tem mais oportunidades para se expressar de uma forma sentimental, assim estará apta para responder o mundo ao seu redor.

Já Piaget (1978) nomeia a representação de duas formas, a conceitual e a simbólica, a conceitual consiste de inteligência no sistema de conceitos e a simbólica de imagens mentais ou lembranças da realidade. A primeira maneira da criança representar algo é através dos símbolos, isso acontece a medida em que a criança sabe se relacionar com o objeto a ser apresentado. O autor ressalta que os desenhos estão bem mais próximos de serem símbolos e que os signos são feitos, porém não há nenhuma relação com o objeto que representa como exemplos ele cita os números e letras. Nesse caso o aluno T.A. em seu desenho fez símbolos por ter um afeto com o objeto apresentado no desenho, ou seja, seus animais de estimação.

Figura 8: Representação rabiscos.



Fonte: pesquisadora (29.01.2018)

Nesse registro a criança S.G. – 5 anos- usou apenas lápis grafite, e não quis colorir depois, perguntei o que ela tinha desenhado, ela falou que desenhou ela dormindo, com seu lençol e sua pelúcia, e logo ao lado estava o bicho papão.

Greig (2004, p.141) relata que:

Quando a criança se instala com sua folha de papel contra a parede, ela encontra um espaço que se torna

um prolongamento de seu “eu”, no interior do qual ela pode tudo. Essa superfície branca, tela, ou espelho, permite que, sozinha consigo mesma, viva um momento fora do tempo e do espaço reais, rico de sensações e de necessidades pessoais... exprimir-se aparecer aqui como um ato que permite ser ela mesma e um modo de se libertar: a expressão proporciona um grande alívio, uma enorme satisfação. Ela realiza um ato sério, dramático, que desperta alegria e às vezes também uma profunda dor. [...]

Acredita-se que de acordo com Greig a aluna S.G. quer sentir esse alívio ao desenhar o bicho papão ali próximo a sua cama, para expressar essa dor, deixando sua imaginação fluir, para poder sentir prazer no ato de fantasia no papel e seu medo. É assim que a criança desenha fantasiando e ao mesmo tempo escrevendo sua história da forma como ela mesma queira se expressar.

Assim conclui-se que, tendo um olhar especial para o desenho infantil, levando em consideração o que é registrado pelas crianças, podemos perceber que ao longo das nossas discussões o desenho antecede à aprendizagem da escrita convencional e, por isso, ele é a primeira forma de expressão gráfica utilizada pela criança para se comunicar, antes mesmo de dominar a oralidade. Assim, a partir dos estudos apresentados e discutidos nesse e nos demais capítulos desse trabalho, torna-se possível concluir que o desenho infantil enquanto linguagem gráfica e artística contribui significativamente não só para o desenvolvimento da escrita, como também auxilia na coordenação motora da criança na alfabetização, e possibilita fazer uma leitura da realidade social da criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS-

O objetivo desse estudo foi analisar a contribuição do desenho infantil no desenvolvimento do pensamento infantil e na aquisição da língua da criança na alfabetização, o que nos possibilitou refletir sobre os mesmos. Para isso verificamos através do desenho a realidade social e cultural da criança e a importância das diferentes manifestações expressivas do pensamento infantil.

A formação do professor deve ser sistemática e contínua no contexto escolar, para que o aprendizado seja significativo na vida e no desenvolvimento da criança. Fazendo uma análise crítica e reflexiva, é notável que o professor ainda precisa dessa mudança efetiva em relação às práticas educativas para melhorar a

aprendizagem no âmbito escolar. Diante do exposto, é necessário repensar sobre a postura de alguns profissionais de educação.

Com isso, conseguimos responder a questão norteadora, o porquê da importância do professor de ter um olhar cuidadoso ao observar e compreender o desenho infantil? É importante pois com esse olhar crítico o professor pode contribuir de uma forma significativa para a aprendizagem do aluno, esse olhar diferenciado irá possibilitar ao professor descrever a realidade do aluno e conseqüentemente ajuda-lo em suas fraquezas ou até mesmo compartilhar com a família desse aluno, para que a mesma possa ter ciência de seus medos e sentimentos, fraquezas, seja lá qual for as informações obtidas a partir da leitura desse desenho.

Nesse sentido, conseguimos atingir os objetivos, onde analisamos a importância do desenho infantil no seu desenvolvimento, compreendemos que o desenho é um instrumento indispensável no desenvolvimento cognitivo da aprendizagem e que o desenho é uma forma de linguagem o qual ajuda as crianças a entender o mundo ao seu redor contribuindo no processo da escrita e aquisição da língua além de fazer uma reflexão sobre a prática pedagógica durante o processo de alfabetização.

O desenho infantil possibilita a criança expressar-se, comunicar-se e atribuir sentido aos sentimentos, pensamentos e sensações, e enquanto docente precisamos entender o quanto é importante a criança passar por esse momento, assim, não dá para falar de um momento significativo na vida de uma criança, que é aprender a escrever, sem mencionar a contribuição do docente nesse processo.

O professor tem um papel indispensável durante esse processo, pois as atividades educativas são desenvolvidas por ele, assim como também as propostas pedagógicas, as quais levam em consideração a vivência de diferentes linguagens construídas pela criança e as produções de desenhos feitos por ela, com isso é essencial que a escola promova a alfabetização respeitando as suas peculiaridades, levando em consideração o mundo vivido pela criança, as suas expressões, suas brincadeiras em especial seu jeito de aprender, a partir desse olhar cuidadoso estaremos garantindo o processo de alfabetização e um desenvolvimento gráfico infantil significativo na vida da criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v: Conhecimento de mundo.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho?** Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2003.

FURTH, Gregg M.- **O mundo secreto dos desenhos:** uma abordagem junguiana da cura pela arte; São Paulo: Paulus, 2004. – (Coleção Amor e Psique)

GIL, Antônio C.- **Como elaborar projetos de pesquisa** /– 3.ed – São Paulo: Atlas, 1991.

GREIG, Philippe. **A Criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004

LOWENFELD, V; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: mestre jou. 1970.

LOREIRO, Alícia Maria Almeida. **O Ensino de Música na Escola Fundamental**. – São Paulo: Papyrus, 2003

MORENO, Márcia. **O desenho: um processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento do processo criativo**. Revista Pedagógica, ano 10 n. 21, jul./dez. Chapecó, 2008.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

READ, Herbert. **A educação pela arte** / – São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Coleção a)

SANTOS, Nathassia L. de J. C. **O desenho como construção e significação do pensamento infantil**. – Aracaju, 2015.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A Criança e o Artista**. Campinas: Papirus, 1994.

SEBER, Maria da Glória. **A Escrita Infantil**. São Paulo. Scipione, 1997.

SIMAS, Daiana Leão. **Riscos e rabiscos: a contribuição do desenho infantil para a alfabetização**. – Salvador, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.- **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** - São Paulo: Atlas, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.